



Os canais de participação no telejornalismo: uma análise do Parceiros do RJ e a credibilidade das fontes¹

Aparecida CAVALCANTE ²

Tenaflae LORDÊLO ³

Faculdade do Vale do Ipojuca (Favip), Caruaru-PE

Resumo:

Este trabalho surgiu das discussões realizadas nos encontros de iniciação científica do curso de jornalismo da Favip, com a temática “Telejornalismo e Convergência”. Analisaremos aqui os canais de participação no telejornalismo. Para isto, utilizaremos revisão bibliográfica atualizada, discussão conceitual, onde busca-se contribuir para a compreensão de telejornalismo, convergência e credibilidade das fontes, a cerca da abertura e interatividade proporcionada pelo Parceiros do RJ, quadro introduzido no RJTV, telejornal local da Globo, no início de 2011. Para executar tal pesquisa serão utilizados instrumentos metodológicos, como: pesquisa bibliográfica e observação e acompanhamento do quadro parceiros do RJ através da internet.

Palavras chaves: Telejornalismo; Convergência; Fontes; Credibilidade.

Introdução

O presente trabalho surgiu dos encontros de iniciação científica do curso de jornalismo da Faculdade do Vale do Ipojuca (Favip), localizada na cidade de Caruaru, Agreste de Pernambuco, e analisa a participação da convergência e a relação da narração dos fatos com as fontes no telejornal RJTV, mais especificamente no quadro Parceiros do RJ, produzido e apresentado no Rio de Janeiro. A autora Recuero (2009) coloca que “para entender um fenômeno é necessário observar não apenas suas partes, mas suas partes em interação” (RECUERO, 2009, p.17).

A reflexão aqui proposta se constrói acerca da abertura e interatividade

¹ Trabalho apresentado no IJ 5 – Comunicação Multimídia do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Estudante de Graduação do 7º Semestre do curso de Jornalismo da Faculdade do Vale do Ipojuca – FAVIP, email: mapyscidinha@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da FAVIP, email: tenaflae@gmail.com



proporcionada pelo quadro Parceiros do RJ, onde foram escolhidos 16 jovens de áreas diferentes do Rio de Janeiro para mostrar a realidade de oito regiões.

Projeto Parceiro do RJ Dezesseis jovens foram selecionados para formar o, [Projeto Parceiro do RJ](http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/parceiro-rj/noticia/2011/05/parceiros-do-rj-mostram-areas-de-lazer-abandonadas-em-campo-grande.html). O grupo foi dividido em oito duplas, que vão representar e mostrar o cotidiano de oito regiões do Rio e Grande Rio. Em comum, seus integrantes querem mostrar não só as mazelas, mas as coisas boas dos bairros onde moram. Mais de 2.200 pessoas se inscreveram no projeto. Destes, os escolhidos vão mostrar o cotidiano de Copacabana, Tijuca, Campo Grande, Complexo do Alemão, Cidade de Deus, Nova Iguaçu, Duque de Caxias e São Gonçalo. (Portal G1, 2011) Informações retiradas do site: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/parceiro-rj/noticia/2011/05/parceiros-do-rj-mostram-areas-de-lazer-abandonadas-em-campo-grande.html> , em 06/05/2011)

Os critérios para seleção desses jovens permearam o fato de o inscrito ter mais de 18 anos, ensino médio completo, morar em umas das regiões cobertas pelo quadro e ser participante do dia a dia de sua comunidade, conhecendo bem o seu espaço físico. Habilidades técnicas e conhecimentos na área do jornalismo ficaram de fora da ficha de pré-requisitos quanto à ocupação do espaço.

Diversas modificações podem ser detectadas no jornalismo da era digital. Entre as mudanças fundamentais do fazer jornalístico com a entrada das tecnologias digitais estão a descentralização da produção, a personalização de conteúdos e a informação em tempo real (LEMOS, 1997 *apud* LOPES, 2010, p. 64).

Os avanços tecnológicos das últimas décadas vêm reorganizando as práticas sociais e jornalísticas, neste sentido, a convergência torna-se uma prática constante, sobretudo, nesse novo modo de fazer o telejornalismo, onde a partir da adoção de novas tecnologias da informação e comunicação – NTIC's, configuram-se novas práticas jornalísticas, surgindo daí um cenário multimídia e de distribuição multiplataforma.

A convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica. A convergência não envolve apenas materiais e serviços produzidos comercialmente, circulando por circuitos regulados e previsíveis. Não envolve apenas reuniões entre empresas de telefonia celular e produtoras de cinema para decidirem quando e onde vamos assistir à estréia de um filme. A convergência também ocorre quando as pessoas assumem o controle das mídias (JENKIS, 2008.p. 43).



Veiculação de imagens capturadas por telespectadores até mesmo através de aparelho celular e questionamentos feitos por internautas são exemplos do uso da convergência dentro das produções da televisão brasileira, sobretudo, na Rede Globo, que vem abrindo espaços para que o telespectador participe cada vez mais da produção das notícias.

O papel dos meios de comunicação na sociedade atual tem se potencializado devido à gradual implementação do processo de convergência. O número de aparelhos eletrônicos presentes nas residências e no cotidiano do brasileiro está a cada dia maior e, além disso, os aparelhos de última geração apresentam uma tendência a serem multifunção, congregando, por exemplo, acesso à internet, rádio, televisão e telefonia em aparelhos celulares (LOPES, 2010, p. 05).

Interação no telejornal por meio da internet, utilização das redes sociais e dos mais diversos meios tecnológicos passam a ser ultrapassados quando o assunto envolve a participação do telespectador. Neste sentido, o quadro Parceiros do RJ enfatiza essa participação, trazendo telespectadores que estão envolvidos interinamente no processo de construção da notícia, desde a apuração dos fatos, da produção da matéria, até a veiculação que é levada ao ar sob o crivo perceptivo dos próprios colaboradores/telespectadores, aqui denominados parceiros, que saem pelo Rio de Janeiro com uma câmera na mão em busca da narrativa de boas histórias.

Serão escolhidos dois jovens por área. Os selecionados vão trabalhar em dupla. Cada dupla receberá uma câmera de vídeo para fazer as gravações em sua região. O Parceiro do RJ vai descobrir histórias, gravá-las e contá-las diante da câmera. Além disso, o Parceiro do RJ fará todo o acompanhamento da edição deste material na emissora, antes de ir ao ar no telejornal. Todo o trabalho será supervisionado por jornalistas da TV Globo. Informações retiradas do site: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/parceiro-rj/noticia/2011/01/inscreva-se-para-ser-parceiro-do-rj.html>), em 10/01/2011)

O autor Salaverria (2008 *apud* LOPES, 2010) considera a convergência jornalística como um processo que afeta diretamente os meios de comunicação. Sobre isso, diz o autor:

a convergência jornalística é um processo multidimensional que, facilitado pela implantação generalizada das tecnologias digitais de telecomunicação, afeta os âmbitos tecnológicos, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação, propiciando uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens



anteriores desconectadas, espaços que os jornalistas elaboram conteúdos que se distribuem através de múltiplas plataformas de acordo com a linguagem própria de cada uma (SALAVERRIA, 2008 *apud* LOPES, 2010, p.45).

A nova linguagem tecnológica deu margem também, para que os estudos e publicações descrevessem e registrassem as mutações produzidas pelas infraestruturas computacionais, em rede, nos processos e rotinas de produção da notícia.

Sendo assim, a convergência é um processo que, segundo os autores leva, em seu final, à integridade de redações. Mas como um processo ela não é estanque nem padronizada. Isso significa que diferentes meios de comunicação tomam distintos caminhos ao optarem por ela (LOPES, 2010, p. 19).

Dessa maneira, o profissional de jornalismo tem que se adequar aos avanços tecnológicos, aprimorando suas práticas, adequando-as aos diversos veículos.

A convergência introduz uma série de mudanças na prática jornalística. Os resultados mostram que o maior desafio é o multitarefa. Isso prevê que cada jornalista seja capaz de elaborar produções jornalísticas para impresso, rádio, televisão, internet e outras plataformas (CARVAJAL, 2008 *apud* LOPES, 2010, p. 23).

A presença da indumentária tecnológica que aponta para a convergência nos veículos de comunicação é oriunda do final dos anos 1990, com a entrada de emissoras de televisão e jornais impressos na internet, quando iniciou-se um processo de adequação de conteúdo específico para web. Barbeiro e Lima colaboram para essa pensamento, quando dizem que “o telejornalismo já não é o mesmo na sociedade informal, e o jornalista tem que se preparar para uma nova época em construção e não em extinção” (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 39).

Dentro do processo de construção da notícia a fonte exerce um papel fundamental na apuração de dados que consolidam o conteúdo a ser veiculado e a riqueza dos detalhes a serem relatados. Dessa maneira, Neveu (2001 *apud* ALSINA, 2009) assinala que:

Distintas estratégias que as fontes possuem para influenciar os jornalistas. Basicamente, trata-se de dois procedimentos: a punição e o prêmio. Os jornalistas que trabalham em determinadas instituições estabelecem uma série de relações com suas fontes, que costumam ter regras no jogo (NEVEU, 2001 *apud* ALSINA, 2009, p. 167)



1. Colaboração interativa na construção do telejornal

Na tentativa de analisar canais de participação no telejornalismo, o quadro Parceiros do RJ se apresentou como o mais próximo dos objetivos do presente artigo. As tendências e perspectivas para a prática jornalística nas emissoras de TV e as aberturas para a audiência são fatos que proporcionam a cada dia a interatividade, tornando o telespectador co-autor das produções que são levadas ao ar. Débora Lopes (2010) coloca que “o jornalista precisa saber apurar, saber olhar as histórias, saber não confiar na primeira versão, ouvir, procurar os outros, porque não adianta também ele ser um bichinho hiper tecnológico que seja um mero reprodutor de declarações” (LOPES, 2010, p. 23).

O RJTV, noticiário local da Globo para o Rio de Janeiro, há algum tempo já traz em seu formato traços de interatividade, passando de um telejornal clássico para um modelo mais abrangente, abraçando os avanços tecnológicos e inserindo em seus blocos a presença de telespectadores como entrevistados. Mas, foi no início de 2011 que o telejornal deu um passo além e abriu inscrições para que os telespectadores fizessem parte do quadro Parceiros do RJ, que elegeu 16 representantes para reportar notícias ocorridas em oito regiões do Rio de Janeiro.

A expressão cultura participativa contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podendo agora considera-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo (JENKIS, 2008, p.28).

O telejornal carioca deu status de repórter a cidadãos comuns, levando a esses a oportunidade de expor, com palavras e imagens, fatos do cotidiano. Porém, todo o processo de transmissão de informação requer técnicas, cuidados e habilidades que são próprias de cada categoria.

En la gama de percepciones que se dan en la vida cotidiana hay que acotarla percepción periodística del entorno, pues lo que los escogen y montan es lo que laboriosamente forma la imagen periodística de la realidad que ellos ofrecen: su imagen del present social. La percepcion



periodística es una característica profesional de los hombres y mujeres que trabajan en los medios de comunicación (GOMES, 1991, p.39).

A corrida desenfreada pela audiência condiciona transformações nas redações de diversos veículos. No RJTV, essa transformação refletiu num telejornal menos clássico e mais informal, onde a colaboração interativa permeia o processo de construção de credibilidade das fontes.

O conceito de um meio pode mudar (como ocorreu quando a televisão substituiu o rádio como meio de contar histórias, deixando o rádio livre para se tornar a principal vitrine do rock and roll), seu público pode mudar (como ocorre quando as histórias em quadrinhos saem de voga, nos anos 1950, para entrar num nincho, hoje) e seu status social pode subir ou cair (como ocorre quando o teatro se desloca de um formato popular para um formato de elite), mas uma vez que um meio se estabelece, ao satisfazer alguma demanda humana essencial, ele continua a funcionar dentro de um sistema maior de operações de comunicação (JENKIS, 2008, p.39).

No processo de construção da interatividade as fontes assumem um papel primordial, pois é através do contato com as informações que elas fazem de determinados fatos que a produção da notícia se dá.

Uma primeira definição de fonte atribui essa denominação a todas as pessoas que o jornalista observa ou entrevista, e às que fornecem apenas informações enquanto membros ou representantes de grupos (organizados ou não) de utilidade pública ou de outros setores da sociedade (WOLF, 1985, p.223).

Dentro desse processo em que se desenvolve uma relação de interação junto às fontes, critérios de checagem e cuidados na transmissão do conteúdo devem ser adotados como canais efetivos na transmissão de informações.

A fonte seria o ensejo da função de recurso e constrição ao mesmo tempo, à qual o jornalista recorre com diversas intenções para concretizar sua competência de contextualização do acontecimento-notícia. O vínculo que se estabelece entre fonte e jornalista é algo interativo e de reflexão; fica sujeito à negociação ideológica e lingüística, e, principalmente, a influências externas do campo da informação (ALSINA, 2009, p.165).

2. Convergência, interatividade e lucro para os veículos



A interação de telespectadores nessa nova roupagem onde cidadãos de diversas áreas do conhecimento assumem o papel do jornalista, pensando, apurando e executando tarefas, pode desencadear benefícios para os veículos, sobretudo nas questões de ordem econômica com a redução de custos, o que acontece em algumas situações.

Ao discutir a convergência de conteúdo é importante compreender que não se trata simplesmente do compartilhamento de informações nas redações, objetivando cortes de custo e utilização de conteúdo de outras empresas jornalísticas, agenciase ferramentas de apuração de dentro da redação. Em um processo de convergência de conteúdo e tecnológica, é fundamental compreender que ambas devem atuar em conjunto, para que possibilitem ao jornalista o cumprimento de seu papel e de sua responsabilidade perante a sociedade, caminhando por uma via de mão dupla, em que se auxiliam e levam a uma maior diversidade informativa e facilitação no processo de verificação da informação. “Segundo o informe anual Media General para 2002”, a convergência coordena a profundidade da cobertura do jornalismo impresso, o imediatismo da televisão e a interatividade da internet (CARVAJAL, 2008 *apud* LOPES, 2010, p. 17).

Essa aderência condiciona também a absolvição ainda maior da convergência jornalística, por parte dos veículos, onde profissionais tornam-se multiplataformas.

A convergência jornalística não deve ser considerada um simples efeito das tendências corporativas ou tecnológicas. A inovação técnica normalmente é baseada em decisões econômicas e profissionais e os jornalistas usam novas ferramentas para contemplar suas próprias expectativas, habilidades e práticas (CARVAJAL, 2008 *apud* LOPES, 2010, p. 17).

Porém, é dentro deste contexto de inovação, convergência e transformação de cidadãos comuns, considerados anteriormente como fontes no processo de construção na notícia, e atualmente apresentados como parceiros/repórteres, que se coloca a importância do profissional de jornalismo.

O contrato pragmático fiduciário dos meios de comunicação é um produto histórico de institucionalização e de legitimação do papel do jornalista. Nas nossas sociedades, o trabalho dos jornalistas se tornou a profissão daqueles que contam o que acontece no mundo (RODRIGO, 1995 *apud* ALSINA, 2009, p.199).

Atender as expectativas dos diferentes tipos de públicos é uma tarefa que exige empenho e habilidade do profissional de jornalismo. Garantir a veracidade das informações veiculadas, e a riqueza de informações contidas em cada matéria que é



levada ao ar, faz parte de um processo de comprometimento e atenção por parte desse profissional. Manter intacta a relação com as fontes e a credibilidade dos assuntos abordados é uma preocupação constante da área. Alsina enfatiza que, as fontes podem se dividir em dispostas, amáveis e teimosas. Entretanto, gostaria de dizer que, às vezes, os jornalistas também são enganados pelas fontes. (VALBUENA, 2009 *apud* ALSINA, 2009, p.165).

Para a transmissão de informações, os jornalistas seguem critérios de produção noticiabilidade e valores notícias.

Na informação televisiva, a avaliação da noticiabilidade de um acontecimento diz também respeito à possibilidade de ele fornecer bom material visual, ou seja, imagens que não só correspondam aos standards técnicos normais, mas que sejam também significativas, que ilustrem os aspectos salientes do acontecimento noticiado. Citações como esta – estas imagens dizem mais do que qualquer comentário – revelam a existência e a importância daquele valor-notícia, no próprio noticiário (WOLF, 1985, p.210).

Todo o processo de transmissão da informação passa por técnicas pré prontadas que determinam também a importância das fontes dentro do contexto de produção dessas informações. Alsina enfatiza o fato de que “como se sabe, uma fonte pode intoxicar um jornalista, oferecendo-lhe uma informação falsa ou não” (ALSINA, 2009, p. 182).

É também de incubência da atividade jornalística o ato de representar o real através de narrações e imagens, tornando o telespectador conhecedor dos acontecimentos que o cercam, para isto toda informação passa pela filtragem do que é relevante ou não ser transmitido ao telespectador.

Corresponde por tanto a la actividad profesional llamada periodismo dar de la realidad social presente una version concentrada, dramatizadora, sugestiva, que escoja lo más interesante de todo lo que se sepa que ha ocurrido y hasta lo retoque paraajustarla a las necesidades del tiempo y el espacio (GOMES, 1991, p.19).

Desenvolver a lucratividade é também um anseio de diversos veículos que compreendem na convergência uma forma de alcançar números positivos, porém, este cenário concerne na criação de uma nova rotina para o jornalista que se vê obrigado a ser um profissional multiplataforma fazendo uso de novas ferramentas, com isso sua demanda de trabalho também é aumentada.



As empresas também reduzem gastos com correspondentes e enviados especiais, ao mesmo tempo que estimulam um trabalho jornalístico cada vez mais baseado na própria sala de redação, em agências, em entrevistas telefônicas e na internet. Resultado: menos diversidade informativa, maior independência das fontes e crescentes dificuldades para verificar a informação (SALAVERRÍA, 2008 *apud* LOPES, 2009, p. 117).

É nesse sentido também que a implantação do quadro Parceiros do RJ surge como uma facilitação para os produtores de telejornal, que encontraram no cidadão comum um aliado, ou seja, mão de obra barata na transmissão de fatos que rendem para o veículo notoriedade e audiência, uma vez que o quadro tem um cunho extremamente social, chamando atenção porque é feito pelo povo e para o povo.

O RJTV lança a campanha Parceiros do RJ, até o dia 30 de janeiro serão selecionadas 16 pessoas, uma dupla por região. Todos receberão manuseio técnico para manuseio da câmera, que será oferecida pela rede globo, e participarão de palestras e oficinas com profissionais do jornalismo da globo. As duplas terão liberdade para trazer suas sugestões de pauta e suas matérias. “Esperamos que os 'Parceiros' reforcem a ligação de seus bairros e comunidades com RJTV. O trabalho deles vai se somar ao dos repórteres e enriquecer a cobertura da cidade do Rio e da Região Metropolitana” Explica Erick Brêtas, diretor regional de jornalismo da TV Globo – Rio. (Informações retiradas do site: <http://noticias.sitedabaixada.com.br/noticias/geral/2011/01/10/rjt-vconvoca-parceiros-para-mostrar-a-baixada-sob-um-novo-ponto-de-vista/>, (10/01/2011))

O início da análise deste artigo data de abril a maio de 2011. Neste período pode-se perceber através de pesquisas bibliográficas, revisões literárias e acompanhamento do bloco através de notícias publicadas na internet, a influência e repercussão do quadro Parceiros do RJ, dentro dos critérios de produção e veiculação da notícia, bem como o revertimento desta abertura em notoriedade e audiência para o telejornal.

Muito embora os personagens aí denominados parceiros passem por um acompanhamento, recebendo auxílio de profissionais, o quadro se destaca por trazer uma narrativa de ações do cotidiano, através da percepção de pessoas que estão inseridas no mesmo âmbito em que os fatos ocorrem. Um dos fatos que também contribuem para os questionamentos acerca desse novo fazer do telejornalismo é o envolvimento das fontes nesse processo de transmissão da notícia e a credibilidade atribuída a elas. Alsina coloca que:



... o tema das fontes é muito importante no processo produtivo da notícia e o estudo do profissionalismo jornalístico. O elo entre acontecimento-fonte-notícia é básico para a construção da realidade jornalística (ALSINA, 2009, p. 162).

O quadro deixa margem para que se interprete esta participação como resultado da convergência, no sentido de exploração dos profissionais multiplataformas, da mão de obra barateada e do uso das novas tecnologias abrindo espaço para o desenvolvimento da noção de lucratividade por parte dos veículos.

Considerações

Tendo em vista que esta pesquisa encontra-se no início, usamos o termo considerações para destacar as primeiras conclusões encontradas nesta fase inicial do trabalho. Tratando-se de convergência como uma nova prática jornalista sob a qual encontram-se imersas nossas redações, podemos destacar a percepção desta, como um meio de lucratividade na instauração de profissionais multiplataformas, contribuindo para o aumento da demanda do trabalho do jornalista que ai é imbuído como multitarefa.

Com relação ao quadro Parceiros do RJ, aqui analisado como um canal de participação aplicado ao telejornalismo, coloca-se a percepção da inovação trazida por esta prática, ao passo que se chama a atenção para a introdução do jornalismo em uma linha perigosa de abertura, pois todo processo de interação que expõe a comunicação exige cuidados, sobretudo, na veracidade do que é levado ao ar e na exposição da fonte como co-autora e participante interina no processo de construção e apresentação da notícia.

Sendo assim, critérios de participação devem ser adotados para validar os valores-notícia das informações que são levadas ao ar, bem como faz-se necessária a participação assídua do jornalista no sentido de acompanhar e direcionar essa interação, introduzindo nela os parâmetros e teorias que regem o jornalismo.

Referências

ALSINA, M. R. *A construção da notícia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.



BARBEIRO, H. e LIMA, P. R. *Manual do telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus Ltda, 2002.

GOMES, L. *Teoria del periodismo*. Barcelona: Paidós Ibérica, S.A, 1991.

JENKIS, H. *Cultura da convergência*. Aleph, 2008

LOPES, D. C. *Radiojornalismo hipermidiático*. LabCom Books, 2010.

RECUERO, R. – *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

WOLF, Mário. *Teorias da Comunicação*. Milan: Editorial Presença, 1985.

Sites

<http://noticias.sitedabaixada.com.br/noticias/geral/2011/01/10/rjtv-convoca-parceiros-para-mostrar-a-baixada-sob-um-novo-ponto-de-vista/>

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/parceiro-rj/noticia/2011/05/parceiros-do-rj-mostram-areas-de-lazer-abandonadas-em-campo-grande.html>

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/parceiro-rj/noticia/2011/01/inscreva-se-para-ser-parceiro-do-rj.html>